

O plano de Sarney para a eleição

por José Casado de Brasília

Pela primeira vez neste ano, o presidente José Sarney compareceu ao seu gabinete de trabalho, no Palácio do Planalto. Ali ficou parte da manhã de ontem e, logo, retirou-se para o seu sítio particular, distante 30 quilômetros do Distrito Federal.

Foi refletir sobre o que fará nesses seus últimos catorze meses de mandato. A contagem regressiva do governo Sarney começa, efetivamente, às 8 horas da manhã de hoje, quando ele reassume sua mesa de trabalho no Planalto — segundo prevê sua agenda oficial, divulgada ontem.

Sarney volta com a definição dos limites de um gesto político que pretende fazer, dividido em duas etapas, para marcar sua despedida do poder e abrir espaço político suficiente ao seu projeto de influir, de qualquer forma, na sua sucessão na Presidência.

O primeiro ato programado será essencialmente político, através de uma redução no tamanho de sua administração. O segundo será um "choque" na economia, destinado a reduzir a inflação mensal do patamar atual, em torno de 28%, para algo entre 7 e 10% a partir de abril.

O objetivo imediato é retirar o seu governo do alvo central do debate sucessório — segundo seus assessores mais próximos. Entre março e abril, inicia-se a fase dos comícios nas ruas e das definições dos últimos candidatos — especialmente do PMDB — à corrida presidencial. Tentará influir já na convenção que vai escolher o candidato pemedebista.

Ontem, no Palácio do Planalto e em outros gabinetes da Esplanada dos Ministérios, havia graduados funcionários públicos consultando arquivos de jornais para obter a íntegra de uma das últimas entrevistas de Sarney publicadas no ano passado. E que numa delas, realizada no dia 21 de dezembro, no próprio Palácio, o presidente deu a medida do seu interesse na eleição de novembro próximo.

Ao responder a uma pergunta direta sobre o candidato de sua preferência, Sarney dissimulou e disse que até poderia votar em branco. Mas, a seguir, foi-lhe perguntado se o PMDB deve lançar (ou não) um candidato próprio. Sua resposta começou com a seguinte

(Continua na página 6)

Página 6

• Política

SUCESSÃO

O plano de Sarney para a eleição

por José Casado de Brasília

(Continuação da 1ª página)

frase: "Neste instante, eu não quero, de maneira nenhuma, sair na coordenação da sucessão presidencial". No momento, ele governa sob o risco de uma hiperinflação.

Mas, Sarney pretende, realmente, atuar como "coordenador" do processo de sua sucessão. Até porque o que menos deseja, conforme seus assessores, é ter de permanecer, até novembro, numa posição defensiva, "servindo de alvo nos palanques".

Ele quer operar, já a partir de março, na articulação de uma candidatura "de centro". Se necessário aliado a políticos que, desde o fim do Plano Cruzado, passaram à condição de líderes da oposição ao seu governo.

Para isso, porém, precisa criar condições propícias, especialmente na economia. E o que está na gênese da idéia de um "choque" administrativo aliado a outro de caráter econômico.

Como sempre, está sob pressão dos seus ministros. A "reforma administrativa" que esboçou, no começo de dezembro, já estava reduzida, ontem, a fusões e

incorporações de 5 dos 27 ministérios que possui atualmente.

O "choque econômico" ainda tinha aspectos fundamentais em discussão, especialmente no capítulo da desindexação e dos três fatores básicos em uma economia (câmbio, preços e salários).

O único consenso, ontem, é de que pelo menos uma parte regressiva desse conjunto de medidas projetadas deva ser divulgada antes do próximo dia 21, quando ele embarca para uma viagem à Venezuela.

Existe, portanto, a expectativa de que o presidente saia hoje do sítio Pericumã com o tamanho e a profundidade dessa ação já definidos, gastando os próximos dias em articulações políticas que lhe dêem a sustentação necessária para pôr em prática tais medidas.

O retiro imprevisto de ontem foi para escapar das pressões naturais dos seus ministros. Algo como uma última reflexão, solitária, sobre um gesto que poderá decidir em quais condições esse político — que lutou trinta anos para chegar ao poder e acabou assumindo o comando do País por manobras do destino — deixará o palácio presidencial, em março de 1990.